

ÉTICA, CIÊNCIA E JORNALISMO

Uma discussão sobre questões morais na produção científica e em sua cobertura jornalística *

Alba Christina Araújo da Costa Ribeiro

Resumo: O artigo discute as relações entre ética, ciência e jornalismo. Aborda conceitos sobre a ética e os valores morais inerentes à prática da ciência e do jornalismo, refletindo a respeito do jornalismo científico exercido na atualidade e sobre a ética do jornalista e do cientista. Analisa ainda os interesses políticos-econômicos que influenciam as pesquisas científicas e a sua divulgação pela mídia, expondo pontos de vista de diversos autores sobre como deveria ser a atuação do jornalista que cobre ciência e tecnologia, no sentido de promover a alfabetização científica e a democratização do saber.

Palavras-chave: Ética; Jornalismo Científico; Alfabetização Científica; Democratização do Conhecimento.

1. Introdução

O cenário é a África Oriental, região do Quênia. Milhares de pessoas estão numa fila recebendo de graça os mais novos medicamentos para a tuberculose, desenvolvidos por uma grande indústria farmacêutica. No entanto, o que se esconde sob a máscara de prática humanista é, na verdade, um teste sobre os efeitos colaterais destes remédios, utilizados em verdadeiras cobaias humanas, sem que nada seja revelado à população. A esposa de um diplomata inglês que trabalha no local descobre a farsa e é brutalmente assassinada, assim como os “pacientes” que são acometidos pelos efeitos danosos das drogas testadas, numa espécie de queima de arquivo.

* Trabalho apresentado por **Alba Christina Araújo da Costa Ribeiro**, para a disciplina Técnicas de Relacionamento com a Mídia, do Curso de Pós-Graduação “Latu Sensu” - MBA em Gestão de Comunicação, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe; sob a orientação da professora Cíntia Barreto.

A cena descrita é do filme *O Jardineiro Fiel*, do diretor brasileiro Fernando Meirelles, lançado em 2005 e, a princípio, pode parecer algo como mais uma teoria das grandes conspirações. Infelizmente, apesar de ficção, o tema central de *O Jardineiro Fiel* acontece na vida real e não faltam exemplos de como questões éticas andam escassas no mundo da ciência. Basta lembrar o episódio do medicamento Vioxx, para permanecer no assunto do domínio das indústrias farmacêuticas.

Em 2004, o Vioxx, um antiinflamatório e analgésico produzido pelo laboratório Merck, foi retirado do mercado por induzir, em períodos prolongados de uso, ataques cardíacos e derrames. Até aí, nada de mais; erros acontecem e o laboratório, reconhecendo o problema, recolhe a droga de 80 países em que é comercializado e que, em 2003, rendeu cerca de 2,5 bilhões de dólares à companhia. O fato é que a Merck já detinha tal informação há anos, mas seu departamento de marketing foi mais forte para encobrir as descobertas sobre os efeitos colaterais e manter o Vioxx durante tanto tempo no mercado.

Nesse caso, outro aspecto também merece destaque: a omissão da mídia na divulgação e amplo esclarecimento à população sobre os interesses em jogo no episódio Vioxx, revelando que a questão da ética também precisa ser repensada no jornalismo sobre ciência e tecnologia. Uma análise da cobertura dos jornais da época é feita pelo *site* Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br): a Folha de São Paulo, na edição de 1/10/2004, cobre o assunto sem mencionar o prévio conhecimento da Merck sobre os perigos do Vioxx e aborda o tema como uma atitude humanista do laboratório, que abre mão dos seus gigantescos lucros em prol da saúde da população. Já a edição do dia seguinte, do Estado de São Paulo, reproduz matéria do *New York Times*, mas em texto de pé de página, sem destaque, em que é revelada a verdadeira atitude do laboratório diante das evidências dos efeitos danosos do medicamento: a contestação e o sigilo para sua permanência no mercado. Além de não dar relevância ao fato, a manchete é positiva para o Merck e nada tem a ver com o que a matéria traz à tona: Merck vai reembolsar quem tiver o Vioxx em casa. O jornalista Ulisses Capozzoli, comentando o posicionamento da mídia nesse acontecimento, diz que “a receita usual da redação dos jornais atualmente é um misto de medo, despreparo e alienação”.¹

¹ Toda a referência ao episódio Vioxx aqui utilizada foi retirada da matéria Mídia & Caso Vioxx: ciência, marketing e saúde pública, de autoria do jornalista Ulisses Capozzoli, disponibilizada no site Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br) em 5/10/2004.

Dada a importância das descobertas científicas e das políticas de ciência e tecnologia para a vida de todos, e, sendo o jornalismo científico o meio pelo qual tais informações se popularizam e chegam às discussões do cidadão comum, torna-se vital uma reflexão sobre as questões éticas envolvidas tanto na produção científica, como no seu processo de divulgação jornalística. O presente artigo pretende abordar o tema, analisando as relações entre ética, ciência e jornalismo, bem como os perigos de um fazer científico ou jornalístico que sirvam a interesses contrários ao bem comum.

2. A finalidade ética da ciência

Antes de se discutir a especificidade ética do próprio ato científico, é importante refletir sobre a ética em si e suas imbricações. Segundo Chauí (2005), a ética seria um código de conduta que versa sobre valores de uma sociedade, apelando para a consciência moral e a deliberação de cada um no agir. Tais valores não são inatos, dependem dos aspectos culturais em que estão inseridos, e são ensinados para a manutenção da organização social.

Desde a Antiguidade greco-romana, as questões éticas são fontes de reflexão para os homens. Pensamentos sobre o que é o bem ou o mal e a maneira correta de agir em determinada situação perpassa a história da humanidade.

Ainda segundo Chauí (2005), uma conduta é ética quando envolve a consciência de quem a pratica de forma livre, sem coerção. Assim, a ética surge quando há a possibilidade livre de escolha entre ações distintas em que pesam interesses pessoais e coletivos, a moralidade ou não de certos meios para se conseguir os fins, o respeito ou à transgressão às regras, entre outras opções que abrangem o senso moral, as virtudes e os vícios.

A ciência, como uma sistematização do pensamento racional, voltada para a melhoria da qualidade de vida no planeta e para a adaptação do ser humano às mais diferentes situações que surjam em seu habitat, traz em sua natureza correlações com a ética. Senão, vejamos. Sagan (2006: 26) afirma que:

“Nos tempos pré-agrícolas dos caçadores-coletores, a expectativa de vida humana era cerca de vinte-trinta anos. Essa era também a expectativa de vida na Europa ocidental no final do Império Romano e na Idade Média. Ela só aumentou para quarenta por volta de 1870. Chegou a cinquenta em 1915, a sessenta em 1930, a setenta em 1955, e está se

aproximando de oitenta hoje em dia. (...) Qual é a causa dessa transição humanitária espantosa e sem precedentes? A teoria microbiana das doenças, as medidas de saúde pública, os remédios e a tecnologia médica. A longevidade talvez seja a melhor medida da qualidade física da vida. (...). Essa é uma dádiva preciosa da ciência à humanidade – nada menos do que o dom da vida”.

Com relação à ética, Aristóteles aborda sua essência como a de alcançar o bem para o homem, correlacionando-a à realização social. Concordando com tal afirmação, Sen (2004: 20) cita o seguinte trecho de *Ética a Nicômaco*, daquele filósofo grego: “Ainda que valha a pena atingir esse fim (o bem) para um homem apenas, é mais admirável e mais divino atingi-lo para uma nação ou para cidades-Estados”. Ora, voltando-se a afirmação de Sagan de que a ciência permite à humanidade a permanência do próprio dom da vida, nota-se que há uma perfeita harmonia entre a concepção aristoteliana de ética e a natureza da ciência que também se baseia na realização social e propicia o alcance do bem comum.

Além disso, a sabedoria, pela qual se faz a ciência, é considerada por Platão uma das virtudes cardinais, ao lado da coragem, temperança e justiça. “Na verdade, na tese platônica, o saber tem um papel privilegiado, pois ele é causa da presença das outras virtudes e é em função dele que o filósofo guarda sempre a posição central que tem no projeto político platônico”.²

Já Spinoza considera a ética a conduta que leva à felicidade, suscitando a presença do prazer e a ausência do sofrimento. Considerando-se que um dos objetivos da ciência é minimizar o sofrimento humano por meio do conhecimento aplicado, tem-se mais um argumento a favor da ética como característica da ciência. Spinoza também diz que “o esforço para compreender é a primeira e única base da virtude. (...) nós somos jogados de um lado para outro por causas externas de muitas maneiras, e, como ondas levadas por ventos contrários, oscilamos e não temos consciência do problema e de nosso destino” (Spinoza *apud* Durant, 2000: 183). A não compreensão do mundo seria uma das causas do sofrimento, sendo que a ciência contribui para um tipo de explicação da realidade.

3. A finalidade ética do jornalismo

² Conforme Marco Zingano escreve no artigo *Aristóteles lido hoje*, da revista *Scientific American apresenta Gênios da Ciência – Aristóteles, o pai de todas as ciências*.

Assim como a ciência tem em sua finalidade valores éticos, o jornalismo também é defendido por alguns autores como profissão com especificidade ética. Assim é que Karam (1997: 38 – 39) afirma que “é preciso reconhecer no jornalismo – potencialmente – uma forma de reconstrução diária do movimento humano para si mesmo, no qual os homens se tornam não somente reflexo, mas também projeção. O jornalismo não é só moralmente defensável. Ele é moralmente imprescindível”.

Essa defesa ética do jornalismo reside no fato de que o acesso à informação é condição para que ocorra a ação social, já que os veículos midiáticos podem ser fomentadores do debate público de questões relevantes à qualidade de vida e funcionam também como formadores de opinião e fiscalizadores dos atos políticos. Com essa visão, Karam (1997: 42) também ressalta o compromisso ético do jornalista, que deve estar alinhado à moral inerente a esta profissão. “Esta apropriação (do mundo, por meio do jornalismo), que precisa ser globalizada e imediatizada, também está relacionada ao compromisso ético do jornalista no sentido de permitir às pessoas participarem do mundo, escolherem e o influenciarem também a partir das informações”. Já Medina *apud* Karam (1997: 48), é mais enfática: “sem acesso ao fato histórico, o homem não passará a protagonista da ação social”.

Não à toa, órgãos internacionais e corporativistas vêm se preocupando em escrever códigos éticos ou normas de conduta para a atividade jornalística. Conforme descreve Karam, o primeiro código de ética para a profissão foi criado em 1910, em Kansas (EUA). Ele também cita o Código de Ética do Sindicato dos Jornalistas Franceses (1918). Com validade universal, o autor destaca a Declaração da UNESCO sobre os Meios de Comunicação (1978), e Os Princípios Internacionais da Ética Profissional dos Jornalistas (1983), também formulados pela UNESCO. No Brasil, Karam ressalta o Código de Ética do Jornalista Brasileiro (1985) e o Código de Ética da Associação Nacional de Jornais (1991).

Como exposto, há no jornalismo questões éticas intrínsecas a sua própria natureza. O que dizer então do jornalismo científico, aquele relacionado à produção de matérias jornalísticas sobre ciência e tecnologia? Nesse caso, é como se a responsabilidade ética dobrasse, já que tal segmentação do jornalismo uniria as funções de permitir acesso à informação e de tornar públicas descobertas ou decisões científicas, que também cumprem o papel moral de propiciar o bem para o homem.

Além disso, para Caldas (2006), o jornalismo científico não deve ser apenas tradutor do discurso científico. O jornalista precisa promover o debate dos assuntos que envolvem ciência e tecnologia abrangendo seus impactos sociais, ambientais, econômicos, culturais e políticos, dando, assim, suporte para a população participar ou influenciar os processos decisórios dessa área. Diz a autora que “integrar a sociedade brasileira no debate sobre a política científica nacional é tarefa inadiável”, e o jornalismo científico contribui para esta integração.

Já Bueno (2004) afirma que o jornalismo científico é em si um novo discurso, diferente do científico. Para o autor, o jornalismo que se debruça sobre a ciência e tecnologia, não pode se limitar a divulgar aquela produção, mas sim a tomar uma postura crítica, analisando os vários ângulos da questão e ouvindo diversas fontes, ou seja, seguindo os ditames do fazer jornalístico, independente do segmento em que atue.

Tudo isso reforça o compromisso ético do jornalista científico, que é, além de democratizar o conhecimento, fomentar a reflexão sobre a produção de ciência e tecnologia, fazendo com que a sociedade compreenda seus riscos e benefícios. Essa necessidade de se popularizar o saber já é uma preocupação desde Platão que, segundo Durant (2000), fez um dos primeiros esforços de “humanização do conhecimento”, no sentido de torna-lo acessível aos homens em sua maioria. O autor relata que aquele filósofo grego escreveu duas versões para os *Diálogos*, uma em linguagem técnica, destinada aos eruditos, e outra em linguagem popular, para aproximar o público leigo da filosofia. Esta última versão foi a que permaneceu e rendeu a Platão sua boa reputação na Academia.

Corroborando com a idéia de que a ciência precisa ser comunicada, Sagan (2006) reforça o papel de alfabetizador científico exercido por quem divulga a ciência. Ele também chama a atenção para o crescimento das chamadas “pseudociências” nos dias atuais, que seriam aquelas teorias que simulam um pretenso método científico para propagar crenças infundadas, tais como a existência de extraterrestres, de duendes ou práticas de curandeirismo, que podem ter seus adeptos, mas não são comprovados cientificamente.

Segundo o autor de *O mundo assombrado pelos demônios*, a ciência precisa ser comunicada de forma ampla e crítica – um dos objetivos do jornalismo científico – a fim de que haja discernimento sobre o que é ou não fraude científica. “Se comunicamos apenas as descobertas e os produtos da ciência – por méis úteis e inspiradores que possam ser – sem

ensinar o seu método crítico, como a pessoa média poderá distinguir a ciência da pseudociência?” SAGAN (2006: 40).

Sobre o que denomina “analfabetismo científico”, Sagan (2006: 21) revela um levantamento realizado entre os norte-americanos em que se evidencia que 95% são cientificamente analfabetos. Ele também cita Platão, para ressaltar a preocupação com o desconhecimento sobre a ciência, já na Antiguidade:

“Aquele que não sabe contar um, dois, três, nem distinguir os números ímpares dos pares, ou que não sabe contar coisa alguma, nem a noite nem o dia, e que não tem noção da revolução do Sol e da Lua, nem das outras estrelas (...). Acho que todos os homens livres devem estudar esses ramos do conhecimento tanto quanto ensinam a uma criança no Egito, quando ela aprende o alfabeto. (...) Com espanto, eu (...) no final da vida, tenho tomado conhecimento de nossa ignorância sobre essas questões; acho que parecemos mais porcos do que homens, e tenho muita vergonha, não só de mim mesmo, mas de todos os gregos”.³

Assim, é que o homem sempre se ocupou de questões relacionadas à divulgação do conhecimento. Mas, o jornalismo científico como é entendido hoje, surgiu, segundo Burkett *apud* Cavalcanti (2006), em 1665, com o periódico *Philosophical Transactions*, da *Royal Society for the Improvement of the Natural Knowledge*, em Londres. Ele traduzia textos científicos de fontes variadas para o inglês e o latim. No entanto, esse segmento do jornalismo veio a se desenvolver e a se firmar no mercado, nos anos 1920, com os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, a ascensão dos EUA como potência internacional, e as discussões sobre o uso da ciência e da tecnologia para a fabricação de armas ou de produtos que atentassem contra a qualidade de vida dos cidadãos.⁴

Desse período aos dias atuais, o jornalismo científico ganha espaço nas editorias dos jornais, no mercado editorial de revistas especializadas, em documentários e séries destinadas à TV, bem como em *sites* específicos da *Internet*. Mas como está sendo praticado o jornalismo científico de hoje? Será que toda essa discussão ética é levada em conta na hora da produção jornalística, desde a concepção da pauta até a veiculação da matéria pela mídia? E os cientistas ou os patrocinadores das pesquisas científicas? Eles exercem influência na confecção da matéria? Esses questionamentos são pontos de reflexão do próximo tópico.

³ Platão, no livro VII das *Leis*, conforme citação de Sagan (2006: 21).

⁴ De acordo com Calvo Hernando (1990), citado por Cavalcanti (2006)

4. Jogos de interesses na produção científica e jornalística

O cientista Carl Sagan afirma que a ciência pode ser a saída para a erradicação da pobreza e a promoção do desenvolvimento nos países emergentes. Além disso, o autor ressalta que:

“Os valores da ciência e os da democracia são concordantes, em muitos casos indistinguíveis. (...) A ciência confere poder a qualquer um que se der ao trabalho de aprendê-la (embora muitos tenham sido sistematicamente impedidos de adquirir esse conhecimento). Ela se nutre – na verdade necessita – do livre intercâmbio de idéias; seus valores são opostos ao sigilo. (...) Tanto a ciência como a democracia encorajam opiniões não convencionais e debate vigoroso. Ambas requerem raciocínio adequado, argumentos coerentes, padrões rigorosos de evidência e honestidade. (...) Quanto mais difundidos forem a sua linguagem, regras e métodos, melhor a nossa chance de preservar o que Thomas Jefferson e seus colegas tinham em mente. Mas os produtos da ciência também podem subverter radicalmente a democracia, de um modo jamais sonhado pelos demagogos pré-industriais” SAGAN (2006: 59).

Por essa assertiva de Sagan, observa-se a denotação de poder inerente à produção científica e a sua divulgação pela mídia. Dessa forma, tornar públicos ou não, determinados assuntos sobre ciência e tecnologia, passa a ser estratégia que pode servir a diversos fins. Nesse ponto, toda a discussão já travada sobre a ética nessas atividades faz-se relevante, até porque o produto da ciência, ou a técnica em si, são considerados neutros; sobre seu uso é que recaem julgamentos de valor. Para o próprio Sagan (2006), isso é o que faz a produção científica, separada de seu emprego, eticamente ambígua. É a ética de quem a utiliza ou de quem a divulga que deve ser posta em questionamento. Nesse ponto, o autor defende, mais uma vez, a comunicação científica: “O debate aberto e vigoroso é frequentemente a única proteção contra um perigoso mau uso da tecnologia” SAGAN (2006: 330).

Dito isto, vale a pena analisar brevemente o estado atual da postura ética no jornalismo científico.

Além de estarem intimamente ligados ao poder, como já exposto, a ciência e o jornalismo também se transformaram em mercadorias, cada vez mais valorizadas e com mais veemência, desde o século passado. Dessa forma, é que grandes corporações empresariais financiam

pesquisas científicas, e conglomerados de empresas de tecnologia ou de diversão se unem em torno da indústria de comunicação. Os departamentos de marketing e publicidade ganham, numa proporção crescente, espaço nas redações dos jornais, “ditando” normas sobre informações que podem ou não ser divulgadas. No lugar do amplo debate de idéias, assiste-se ao sigilo de informações valiosas, sob pena de perda de lucros, e à troca de favores entre a indústria científica e a jornalística.

Sobre a existência ou não de uma ética no jornalismo atual é que Sodré (2002: 195-196) vai reforçar as imbricações entre mídia e poder econômico:

“É que, na prática midiática corrente, seja no Primeiro ou no Terceiro mundos, o jornalismo e a esfera político-econômica vivem cada vez mais em simbiose, sem o distanciamento necessário à formação de uma ativa cultura crítica, indispensável ao funcionamento de uma verdadeira democracia. (...) Assim, o jornalismo, embora sempre alardeando por meio de seus representantes institucionais a defesa dos antigos valores da liberdade de expressão, assiste ao desaparecimento do interesse público e do horizonte ético”.

Especificamente em relação ao jornalismo científico, Bueno (2004) defende uma postura cética do jornalista em relação ao fato que vai divulgar, chamando a atenção para os jogos de interesse por traz da produção científica, que devem ser checados na confecção da matéria. Segundo o autor, as informações chegam ao jornalista, muitas vezes, de maneira manipulada, em desacordo com o interesse público, havendo a necessidade de se ouvir várias fontes e investigar a veracidade da informação. No entanto, a capacitação do profissional de jornalismo para atuar no segmento de ciência e tecnologia, bem como o ritmo cada vez mais acelerado de produção da notícia, se configuram como entraves a uma prática coerente com os valores éticos do jornalismo científico.

Bueno cita exemplos de relações duvidosas entre a mídia e a indústria científica: um certo suplemento agrícola de um jornal de grande circulação nacional que tem a coluna sobre transgênicos escrita por cientistas financiados por uma empresa de biotecnologia, ou um *site* sobre Saúde e Álcool, lançado por uma universidade paulista, que tem o patrocínio da Ambev. Ele também denuncia a abordagem cada vez mais agressiva das assessorias de imprensa de governos e instituições de pesquisa, que omitem informações em prol de interesses corporativos, o que deve servir de alerta aos jornalistas que cobrem ciência e tecnologia.

O autor descreve ainda os artifícios utilizados por uma grande empresa tabagista, a *Philip Morris*, para desacreditar campanhas contra o fumo ou até patrocinar pesquisas que não comprovem os malefícios causados pelo cigarro. Em 1998, a empresa teria gasto cerca de US\$ 156 mil, pagos a 13 cientistas, para que eles escrevessem cartas e artigos questionando um relatório da *Environmental Protection Agency*, encomendado pelo governo dos EUA, sobre fumo passivo. No mesmo ano, a *Philip Morris* também foi acusada de ocultar, por 15 anos, estudos sobre os efeitos danosos da nicotina. O caso foi revelado pelo *The Washington Post*. No ano de 1997, o jornal australiano *The Age* denunciava testes para vacinas contra herpes feitos em bebês de orfanatos e albergues de Melbourne (Austrália).⁵

Em 2005, para citar casos mais recentes, o noticiário internacional foi abalado pela repercussão da fraude científica coreana, protagonizada pelo cientista Woo Suk Hwang, que comandava pesquisa sobre o uso de células-tronco embrionárias. Hwang foi denunciado e confessou ter manipulado os resultados da pesquisa que prometia linhagens de células-tronco específicas para cada paciente – o que representava expressivo avanço para tratamentos terapêuticos. No entanto, ficou comprovado que apenas um dos inúmeros experimentos foi bem sucedido e, ainda assim, com um cachorro.⁶

Como visto, os interesses políticos e econômicos permeiam tanto a produção jornalística como a científica. No campo do jornalismo científico, Sagan (2006: 30) enfatiza ainda o compromisso com a audiência ou com o lucro das empresas de comunicação, que no mais das vezes se sobrepõe ao que é de interesse público. O autor se refere então à responsabilidade dos meios de comunicação no crescimento das pseudociências e sua fácil aceitação pela sociedade, já que, muitas vezes, tais “ciências” tratam de temas sensacionalistas que aumentam a venda de jornais ou a audiência dos meios eletrônicos. “Mas a superstição e a pseudociência estão sempre se intrometendo (...) fornecendo respostas fáceis. (...) Com a cooperação desinformada (e freqüentemente com a conivência cínica) dos jornais, revistas,

⁵ Exemplos citados por Wilson da Costa Bueno, no artigo *Os novos desafios do jornalismo científico*: Sobre o caso *Philip Morris*, o autor faz referência às matérias: Cientistas teriam sido comprados. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05/08/1998, p.16; e Philip Morris é processada por ocultar pesquisa. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17/04/1998, p. A-12.

Sobre o caso dos testes experimentais em cobaias humanas, Bueno colheu informações da matéria: Denunciado uso de bebês como cobaias na Austrália. In: *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11/06/1997, p. A-13.

⁶ Cf. BEARDSLEY, Sara. O Calvário das Células-Tronco. In: *Scientific American Brasil*, São Paulo, Duetto, 2006, ano 4, n°46, março, p. 10-11.

editoras, rádio, televisão, produtoras de filmes e outros órgãos afins, essas idéias se tornam acessíveis em toda parte”.

No entanto, parece que nem tudo está perdido. Há exemplos do bom jornalismo científico, comprometido com valores éticos. Pelo menos, é o que indica Bueno ao citar a *Ciência Hoje*, a revista *Pesquisa Fapesp*, a *Minas faz Ciência*, a *Scientific América Brasil*, para ficar só nas que abordam a ciência de uma forma geral, já que o mercado editorial também exhibe bons exemplos de publicações especializadas em história, geografia, filosofia, letras e outros. Bueno também ressalta positivamente algumas editorias de ciências dos grandes jornais, além da Agência de Notícias da Fapesp, o boletim *Ciência Hoje*, da SBPC, e diversos *sites* como o de *Jornalismo Científico On Line* e a revista de divulgação científica na Web, *ComCiência*, do Labjor/SBPC.

5. Conclusão

Em meio a tantos exemplos de conseqüências e interesses envolvendo a ciência e sua divulgação jornalística, a cena descrita no início desse trabalho já não parece agora tão claramente fruto de ficção cinematográfica. Poderia muito bem figurar entre mais um escândalo do mundo científico.

Diante de tal situação, mais do que nunca se faz necessário um amplo debate sobre as questões éticas do fazer ciência e jornalismo, que abranja desde os bancos universitários, onde se formam tais profissionais, até o mercado de trabalho e as instituições financiadoras de pesquisa.

O jornalismo que cobre ciência e tecnologia, quando bem feito, cumpre papel essencial tanto na disseminação do conhecimento, quanto na denúncia de práticas abusivas das pesquisas e na reflexão crítica dos impactos dos produtos tecnológicos, conferindo poder ao cidadão. Trata de temas de relevância pública, mas que muitas vezes estão à margem de um debate massivo, seja por questões de dificuldade em se traduzir a linguagem técnica, por despreparo dos jornalistas, ou por interesses do departamento comercial dos jornais, cujos anunciantes, muitas vezes, são grandes empresas da indústria científica.

Como foi exposto, tanto a ciência como o jornalismo trazem, em sua natureza, valores éticos, pelo menos no campo teórico. O que se observa, no entanto, é que a prática de tais atividades

está sendo corrompida por aspectos político-econômicos. Nesse sentido, vale a pena lembrar Aristóteles, para o qual a aquisição das virtudes morais se faz pelo hábito, sendo necessária uma educação do sentimento na direção moral, não se bastando conhecer os valores éticos. Vale ressaltar também os pontos em comum dos diversos códigos de conduta ou códigos éticos de jornalismo, para dizer que os valores da profissão já são velhos conhecidos, mas que ainda falta muito para serem colocados em prática: assim, é que valores relativos à verdade, objetividade e exatidão aparecem em 100% dos códigos, seguidos, respectivamente por: segredo profissional; integridade profissional do jornalista; evitar calúnia, acusação, difamação ou plágio; dignidade profissional e lealdade à empresa e aos companheiros; retificação e direito de resposta; respeito à intimidade e vida privada; defesa da liberdade de informação; serviço ao bem comum; métodos lícitos de obtenção de informação; responsabilidade no exercício da profissão; não à pornografia; solidariedade profissional; não incitação à violência, roubo ou crime; distinção entre notícia e comentário; cláusula de consciência; não ao sensacionalismo; comprovar a verdade das fontes de informação; direito à salário digno e dedicação exclusiva à atividade; e respeito às instituições sociais.⁷

⁷ Levantamento comparativo entre os códigos profissionais de ética jornalística, realizado pelo especialista espanhol Porfirio Barroso Asenjo, e citado por Karam (1997).

6. Referências bibliográficas

- BEARDSLEY, Sara. O Calvário das Células-Tronco. In: *Scientific American Brasil*, São Paulo, Duetto, 2006, ano 4, nº46, março, p. 10-11.
- BUENO, Wilson da Costa. *O Jornalismo Científico é um Novo Discurso*. In: www.comtexto.com.br (acesso em agosto/2004).
- BUENO, Wilson da Costa. *Os novos desafios do Jornalismo Científico*. In: www.comtexto.com.br (acesso em agosto/2004).
- BUENO, Wilson da Costa. *O espaço para a divulgação científica no Brasil*. In: www.comtexto.com.br (acesso em agosto/2004).
- CALDAS, Graça. *Mídia, Ciência, Tecnologia e Sociedade*. In: www.comtexto.com.br (acesso em janeiro/2006).
- CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. *Jornalistas e Cientistas: os entraves de um diálogo*. In: www.comtexto.com.br (acesso em maio/2006).
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática, 2005.
- DURANT, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo, Nova Cultural, 2000.
- KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo, Summus, 1997.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo, Companhia de Bolso, 2006.
- SEN, Amartya. *Sobre ética e economia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- SODRÉ, Muniz. Existe Consciência ética na imprensa? In: PAIVA, Raquel (org.). *Ética, liberdade e imprensa*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.
- ZINGANO, Marco. Aristóteles Lido Hoje. In: *Scientific American apresenta Gênios da Ciência – Aristóteles, o pai de todas as ciências*. São Paulo, Duetto, 2006.